



Crónica

Carta aberta à minha geração

Falta-nos espírito colectivo, cívico, participativo e empreendedor. Quantos de nós fundámos associações ou empresas? Quantos de nós se interessaram pelas questões urbanísticas e ambientais? Quantos de nós intervimos a nível partidário?

Texto de Gabriel Leite Mota • 20/10/2012 - 10:56



Gabriel Leite Mota é Investigador e docente universitário doutorado em Economia da Felicidade

Excerto

"Só as crises recentes, a precariedade e o desemprego nos têm posto mais alerta e mais despertados para os problemas colectivos que a todos (a nível individual) nos afectam. Têm surgido (muito através das redes sociais online) movimentos cívicos de protesto (geração à rasca, precários inflexíveis, indignados, 15 de Setembro, etc.). Mas isso só não chega... É chegado o tempo da nova construção!"

Distribuir

Imprimir // A A

3417 // Leituras

177 // Eu acho que

Texto

Gosto { 359 }

Tweetar { 2 }

2

Tags

Actualidade Política
Gabriel Leite Mota
Crónica

Vê também

// Ideias perigosas (ou a verdadeira origem da crise)

// A nossa guerra colonial: o desemprego de uma geração

// A crise saiu à rua num dia assim: surpresas e outras evidências da estupidez humana

// Elogio da civilização: vivamos no campo, nos montes, na floresta

// Economia, política e ideologia

// Mimado, com orgulho!

A todos os que nasceram depois de 1974:

Nascemos depois da flor dada, do cravo posto na espingarda, dos soldados e do povo na rua. Nascemos depois da guerra e da luta. Depois dos sonhos e da ilusão de muita gente que acreditava num devir melhor. Nascemos depois de uma democracia instituída e em construção. Crescemos com progresso e com esperança. Mas será que prestámos atenção?

O universo, eu sei, rege-se pela lei do menor esforço, da poupança de energia. Ninguém escapa a isso. Mas a nossa inteligência tem que ser capaz de ir mais além e, aprendendo com a história, prevenir os problemas para construir um futuro melhor...

Somos da geração que viu Portugal a florescer: a democracia, o crescimento económico, as novas empresas, o emprego, a educação e a formação, as universidades, as cidades, as auto-estradas... Mas como nascemos sem ditadura e sem guerra, nunca verdadeiramente nos preocupámos com o que mais interessa! Por isso tantos de nós não votaram, não participaram, não disseram, não pensaram... Porque cansa pensar, porque cansa reunir, porque cansa discutir, porque cansa organizar.

A verdade é que a nossa geração não tem uma boa cultura cívico-participativa e foi-se deixando enleiar nas teias do conformismo e da alienação. E os poucos que se movimentaram, muitos fizeram-no pelas más razões: o carreirismo pessoal acéfalo e despido de conteúdo ideológico! Vejam as associações e federações académicas que, de instituições de elite (intelectual e política) antes do 25 de Abril, se converteram em ninhos de oportunistas e corruptos com passaporte para as juventudes partidárias... Vejam as próprias juventudes partidárias onde a irreverência e o pensamento independente e crítico, em vez de valorizados, são penalizados e os seus praticantes ostracizados. Ao contrário, o seguidismo e o espírito de subserviência sempre foram os passaportes para os lugares elegíveis nas malfadadas listas partidárias...

Falta-nos espírito colectivo, cívico, participativo e empreendedor. Quantos de nós fundámos associações ou empresas? Quantos de nós se interessaram pelas questões urbanísticas e ambientais? Quantos de nós intervimos a nível partidário? Quantos de nós lutam a nível laboral ou em prol dos direitos do consumidor? Quantos discutem política? Muitos de nós nem sequer votam, para a Assembleia, para as Câmaras, nos referendos ou para o parlamento europeu (utilizando o discurso fácil e débil de que os políticos são todos iguais...). A maioria da nossa geração andou entretida em festivais de verão, em bares e discotecas (onde a música, a droga e o álcool ocupam o lugar do pensamento), em consumo desenfreado em centros comerciais (dos gadgets de última geração ao último grito na moda de roupa e acessórios) e colados à net, consolas ou computadores olhando para vídeos idiotas ou jogos imbecilizantes...

Só as crises recentes, a precariedade e o desemprego nos têm posto mais alerta e mais despertados para os problemas colectivos que a todos (a nível individual) nos afectam. Têm surgido (muito através das redes sociais online) movimentos cívicos de protesto (geração à rasca, precários inflexíveis, indignados, 15 de Setembro, etc.). Mas isso só não chega... É chegado o tempo da nova construção! A verdade é que temos que dar muito mais de nós, temos que ser mais exigentes com a nossa geração e não nos limitarmos a queixar da geração anterior que possa ter sido corrupta e má gestora...

Afinal, de que nos serve termos muito mais formação e informação que as gerações que nos precederam? As